

Fora de sintonia

Num mercado onde vale a livre concorrência, levam vantagem as empresas mais competentes. De modo semelhante, num mundo de economia globalizada vencem os países que contam com recursos humanos de melhor qualidade.

Dos Estados Unidos à China e ao Japão, graças à crescente sofisticação tecnológica, esco- laridade tornou-se sinônimo de competitividade. Por isso, mais do que nunca, pode-se medir a seriedade de qualquer projeto político pela importância atribuída à educação. Governo que considere investimento no setor educacional assunto de baixa prioridade está mal informado sobre o que acontece no mundo, e fora de sintonia com as necessidades e aspirações dos seus governados. Se em qualquer área da vida pública a omisão oficial custa caro, na da educação é um convite à calamidade.

Nesse novo ambiente, o Rio de Janeiro está mal situado. A crise nas escolas públicas estaduais vem de longe, tendo atravessado sucessivos governos incapazes de aceitar, ou mesmo reconhecer, o desafio que ela representa.

O Governo Brizola deu o golpe de misericórdia no ensino fluminense, acabando de derrubar o que estava caindo. Tratou o assunto como mero projeto de relações públicas, alardeando uma reforma estrutural que ficou na fachada das escolas e nunca chegou às salas de aula.

O Governo Marcello Alencar aparentemente pouco fez para reconstruir: tudo que se refere a educação parece ser tratado com soberano des- caso. Levantamento recente do Tribunal de Contas do Estado confirmou que R\$ 585 milhões de um total de R\$ 1,55 bilhão destinados à Secretaria estadual de Educação em 1996 não foram usados. Sem esse dinheiro, o percentual apli- cado em educação em 96 equivaleu a 24,4% da receita disponível, abaixo, portanto, dos 25% previstos na Constituição.

A rede estadual tem um déficit de 11 mil professores. Em dezem- bro do ano passado, a Secretaria estadual de Educação ofereceu 8.300 vagas mediante concurso público.

Mas muitos concursados ainda não tomaram posse, por causa da demora da efetivação.

Os que já estão trabalhando, não recebem o salário e acabam desistindo. A diretora de pessoal da secretaria reconhece que há

poucos médicos para examinar o grande número de aprovados e o Sindicato Estadual dos Pro- fissionais de Educação diz que muitos concur- sados estão fazendo os exames por conta pró- pria, com médicos particulares.

Materialmente, todos esses problemas têm solução relativamente simples, sobretudo levan- do-se em conta que os recursos financeiros já existem. O que está em falta, vê-se bem, é uma mudança radical de mentalidade.

A crise nas
escolas
públicas
estaduais
vem de longe